

REVISTA

PROVOCAÇÕES URBANAS

Itajaí, junho de 2014

Nº 01



CÍRCULO DE ARTE

Revista do evento 'Provocações Urbanas', ocorrido de 17 a 26/10/2013 em Itajaí/ SC.

SUMÁRIO

SOBRE PROVOCAÇÕES E BLOCOS 06
Por Pedro Bennaton e Luana Raiter (Erro Grupo)

ATUAÇÃO TEATRAL NA RUA E RISCO FÍSICO:
PROJETO A CONFISSÃO DE AGATHA 10
Por André Carreira e Lara Matos (Experiência Subterrânea)

ME ADD? 14
Por Vê Domingos

TEIAS 16
Por Cláudia Regina Telles

A TEMPESTADE 20
Por Leandro Maman

O JARDIM DE ABEL 24
Por Sandra Coelho

EXPEDIENTE

Editoração: Sandra Coelho e Leandro Maman

Diagramação: Leandro Maman

Textos: Pedro Bennato, Luana Raiter, André Carreira, Lara Matos, Vê Domingos, Cláudia Regina Telles, Leandro Maman e Sandra Coelho.

Fotos: Sandra Coelho e Leandro Maman

APRESENTAÇÃO

A arte urbana acompanha a trajetória do Eranos Círculo de Arte desde a sua fundação, através da realização de performances, apresentações teatrais e produção de oficinas. Para dar continuidade à essa pesquisa e estabelecer a troca com outros grupos e artistas foi produzido em outubro de 2013, em Itajaí, o evento “I Provocações Urbanas”, contando com a participação de artistas locais e de Santa Catarina.

Esta revista foi confeccionado à partir de textos de artistas participantes, falando um pouco sobre sua pesquisa e experiência na realização da obra durante o evento: Erro Grupo, Experiência Subterrânea, Vê Domingos, Cládia Telles, Leandro Maman (Eranos) e Sandra Coelho (Eranos).

Além dos grupos acima citados também participou do evento o Jazz 'n Loft, grupo de Jazz de Itajaí, que infiltrou a música no contexto urbano, com a banda disposta em meio ao calçadão Hercílio Luz.

Com esta revista buscamos além de documentar o evento, ampliar a discussão referente à arte de rua. Desejamos a todos uma boa leitura!

ERANOS Círculo de Arte



SOBRE PROVOCAÇÕES E BLOCOS

Por Pedro Bennaton, diretor, pesquisador e dramaturgo, e Luana Raiter, atriz, dramaturga e pesquisadora, ambos integrantes do ERRO Grupo e ministrantes do BLOCO em Itajaí.

Itajaí, como sempre, continua sendo uma cidade fomentadora de experiências artísticas desbravadoras em Santa Catarina, que visam não apenas a apresentação de obras, mas, especialmente, um ambiente investigativo sobre as mesmas. Desta vez, quem propõe a pesquisa-evento é o Eranos Círculo de Arte com o I Provoações Urbanas sob o foco em intervenções urbanas de áreas artísticas variadas. Quando o ERRO Grupo, grupo multidisciplinar de Florianópolis (www.errogrupo.com.br), foi convidado pelo Eranos, não os conhecíamos e perguntamos a um amigo nosso de Itajaí sobre o círculo: “São meio vanguarda, assim fazem coisas meio malucas...”, com esse elogio-crítica que se assemelha ao que fala(va)m sobre o próprio ERRO, nós tínhamos a certeza de que estávamos aceitando fazer parte de algo instigante.

Quando calouros da UDESC, antes de formarmos nosso grupo, frequentamos um evento também investigativo e vanguardista (de certo modo se pensarmos o teatro catarinense de mais de uma década atrás), que foi a Mostra Internacional de Teatro de Grupo da mesma Itajaí. Naquela época, nos anos 90, era possível absorver em uma semana em Itajaí o que não se absorvia em um ano na capital catarinense, por exemplo, sobre teatro de grupo. Hoje em dia, não existe mais urgência em tratarmos sobre teatro de grupo, talvez, pela razão de que o próprio termo “teatro de grupo” se mostrou enfraquecido por ser até redundante, mesmo que hoje em dia existam inúmeros tipos de teatro de grupo, que seria um problema inútil tentar categorizá-los. Portanto, atualmente, existem outras urgências a serem discutidas e é impossível não traçarmos um paralelo com o vanguardismo e o risco da proposta que é provocar o espaço urbano.

Refletir sobre a ação da arte no espaço urbano, atualmente, é pensar a vida contemporânea e seus (des)encontros, é refletir sobre a sociedade atual em suas características políticas, sociais e culturais, principalmente após os protestos de junho desse ano que provaram que a rua (ainda) é o lugar das transformações, e que o seu poder foi até potencializado pelas redes sociais em espaço virtual. Ao propor para que artistas de diversas áreas atuem no espaço urbano, o Eranos não apenas fomenta artistas em suas pesquisas e ao seu fiel público, mas oferece a oportunidade para os desavisados transeuntes, para aqueles que não têm o hábito de irem ao encontro da arte, a vivenciarem os espaços cotidianos e seus ritmos sob outro registro, artístico, estranho, desconhecido, e, ou, extracotidiano.



A arte de rua inserida enquanto intervenção urbana instaura a possibilidade de jogo e de que o inesperado possa acontecer, assim como estabelece um olhar para aquele espaço, tão familiar outrora, sob outra perspectiva, crítica e lúdica. A intervenção urbana desloca o ritmo rotineiro, fricciona as relações na rua e a resignifica, isto é, propõe não apenas um contato direto com a arte, mas a possibilidade de mudança, de transformação, pois é uma inversão na lógica capitalista que estratifica as relações e destina a cidade somente à funcionalidade da máquina de produção e reprodução ideológica, social e comercial.

Sob a ótica de que a cidade atual é um campo de batalha, suas esquinas são trincheiras, sinais vermelhos um bloqueio, e os corpos que circulam são parte constituinte desse arranjo, e, desavisados, formam um exército sem rumo, armados apenas com as ruínas do que eles mesmos constroem, sem saberem onde estão e o que devem atacar, o ERRO participou do I Provoações Urbanas com BLOCO: Tirocínio para ação coletiva no centro de Itajaí.

A intervenção foi executada por pessoas da cidade interessadas na arte urbana de modo a disseminar praticamente alguns procedimentos estratégicos de intervenção urbana operados pelo ERRO. O Eranos Círculo de Arte recebeu inscrições de atores e não-atores interessados em participar da ação e, como uma prática recorrente do ERRO, a obra resultou em uma justaposição de dois trabalhos do grupo, no caso Segredo: A Arte de Manobrar e Pedra. O ERRO enxerga este procedimento de justaposição como uma forma de atualizar suas obras através de uma revivência e reconstrução que as potencializam a dialogarem através de desdobramentos com outras obras do grupo e, principalmente, com espaços específicos e situações sociais que estejam ocorrendo no momento de ação. Neste caso, as obras que fizeram parte de Bloco em Itajaí são intervenções urbanas que refletem sobre o estado bélico da sociedade contemporânea. Esse procedimento de reconstrução de obras ocorreu recentemente com Pedra, realizada pelo grupo em junho deste ano nas ruas de Nova York em um desdobramento de sua criação original a convite do Instituto Hemisférico de Performance e Política da Universidade de Nova York.

BLOCO, realizado no dia 26-10-13 em Itajaí, reuniu pessoas de diversas áreas em uma oficina de 02 horas de duração com o objetivo de introduzir aos participantes as ferramentas para a simples execução da ação proposta. Os participantes foram reunidos no espaço urbano e realizaram exercícios práticos, além de explicações conceituais e práticas sobre a ação, suas relações com o espaço, com os outros participantes e com os transeuntes, e, após esse processo, partiram como um bloco recém-formado, munidos de pedras, para o calçadão da Rua Hercílio Luz.

A proposta do ERRO, ao visar esta dinâmica experimental e ágil de trabalho, deriva da necessidade do grupo em fazer de sua participação em eventos como o do Eranos não, apenas, como um momento para apresentar alguma obra de repertório do grupo, mas também para compartilhar e disseminar a prática de intervenção urbana, simplificando estratégias e desmistificando-as a pessoas que se interessam pela proposta de ação nas ruas, mas ainda não possuem ferramentas e experiências suficientes para se sentirem autônomas para agirem em es-

paços não estabelecidos a prática artística. Portanto, através do BLOCO: Tirocínio para ação coletiva, o ERRO realizou não apenas uma mostra de suas estratégias de ação e, ou, apresentou uma obra, mas criou uma vivência, um ambiente de aprendizado, mesmo que por pouco tempo, com outras pessoas que possam levar esta prática adiante estabelecendo novos códigos, procedimentos e obras.

Após o BLOCO, sob uma leve chuva e resguardados por uma pequena tenda que, por acaso, estava montada na praça, iniciou-se o debate sobre a arte no espaço urbano, com artistas e público, passantes e estudantes. Ao realizar o evento, agregando artistas de diversas cidades do estado, com um orçamento reduzido e sob uma coordenação precisa, produzindo aos detalhes todas as necessidades que essas ações artísticas no espaço urbano demandam, o Eranos demonstrou respeito e amor para este campo da arte que é (ainda) tão marginalizado, o que nos leva a torcer que muitas outras provocações urbanas venham nos próximos anos. E o ERRO pretende ser sempre parceiro de “coisas meio malucas”.





ATUAÇÃO TEATRAL NA RUA E RISCO FÍSICO: PROJETO A CONFISSÃO DE AGATHA

Por André Carreira, Diretor do grupo Experiência Subterrânea e professor do PPGT UDESC, e pesquisador do CNPq e Lara Matos, Atriz do grupo Experiência Subterrânea, e Mestre em Teatro pelo PPGT UDESC

O espetáculo Projeto A Confissão de Agatha que apresentamos no evento nasceu de nosso interesse em experimentar o elemento do risco físico na cena teatral na rua. Nossa proposta é interferir na realidade da rua partindo do extremo da experiência da atriz.

Trabalhamos com o risco não como elemento de uma destreza que seduza pelo inusitado, mas, como instrumento de uma performance teatral que se dê como uma experiência compartilhada com o espectador que é transeunte. Desde esta perspectiva o risco não seria meramente um elemento técnico, mas sim um componente da poética e da ética do espetáculo. Ao mesmo tempo queremos levar o nível de nossa experiência na cena como uma forma de averiguar quais os limites de nossa proposta cênica, e como isso pode produzir relações intensas com a platéia. Experimentar o risco na cena não é um capricho de linguagem, é buscar um elemento condicionante do processo criador, e ao mesmo tempo é oferecer ao espectador um dado real que interfere na sua percepção da cena e do uso da cidade. Desta forma também estamos propondo um teatro na cidade que se apoia no detalhe dos acontecimentos antes que na força narrativa da dramaturgia.

Nossa premissa é que o teatro é um acontecimento uno, no qual os campos do espectador e do performer sejam considerados espaços virtuais estreitamente entrelaçados por redes de significação e sentidos. No teatro sempre vemos a realização da cena como ficção, e como trabalho real onde atores realizam a ficção. Por isso, o acontecimento teatral é sempre jogo que permeia a o ficcional e o real, mas, no caso do teatro na cidade isso se faz ainda mais intenso pela condição de transparência e da cena na rua. Ali o espectador sempre assiste ao trabalho do ator e pode ver outros espectadores assistindo e reagindo à cena. O contato físico extremo que a atriz propõe no Projeto A Confissão de Agatha, quando faz que um espectador toque seu seio por baixo da blusa, leva o público a focar a reação deste espectador que instantaneamente se transforma em personagem, sem deixar sua condição de transeunte que se fez espectador.

Essa é a matriz para a realização de um teatro que crie possibilidade de atravessamento da condição da expectativa protegida, que é condição sine qua non dos projetos cênicos que pretendem se instalar como uma fala política que discute o próprio “fazer

teatro como experiência”, ou o “ser espectador”.

Pensamos o teatro a partir da lógica do jogo como forma de abrir espaços lúdicos que funcionem como rupturas do cotidiano. Produzir deslocamentos na condição de expectativa é colocar o público em uma situação de insegurança, é tensionar sua atenção para uma direção que vai além do plano da história contada, e é, ao mesmo tempo, obrigar o espectador a tomar relativa consciência de seu processo de recepção e fruição do acontecimento cênico.

É a partir desse pensamento que o elemento do risco surge na nossa proposta teatral, pois o mesmo opera de forma direta na relação com espectador. Ao perceber a experimentação do risco na cena o espectador toma imediata consciência do duplo lugar da ficção e do real. Ao mesmo tempo a experiência com o risco cria uma condição de recepção que desloca o espectador de seu lugar de um conforto protegido, quando estabelece uma conexão conflitante entre o que se expõe ao risco e o que assiste a esta exposição.

A noção que sustenta a argumentação do presente texto considera como risco físico toda ação corporal que representa a possibilidade de dano físico ou emocional. Este risco físico pode ser um elemento disparador e estruturante do vínculo entre performer e espectador. O âmbito do espetáculo teatral não deve ser considerado um espaço de segurança absoluta. Este será sempre um lugar onde se negocia em permanente tensão porque o elemento do real é um componente fundamental. As dinâmicas instáveis, próprias dos vínculos humanos, são na cena ainda mais voláteis, pois a função básica do teatro é exatamente explicitar tais tensões ou até mesmo fazê-las mais fortes.

Se isso constitui parte decisiva da natureza do espetáculo teatral não seria equivocado afirmar que é sobre esta característica que se sustentam os projetos que buscam redefinir o teatro em uma zona de interface com o conceito de performance. Não há, evidentemente, novidade nesta aproximação. Ouvindo a voz de Artaud que pede um teatro que provoque asco no espectador, já sabemos que esta é uma proposta moderna que pode ser relacionada com o papel primitivo do teatro nas festas dionisíacas. Parece um cli-

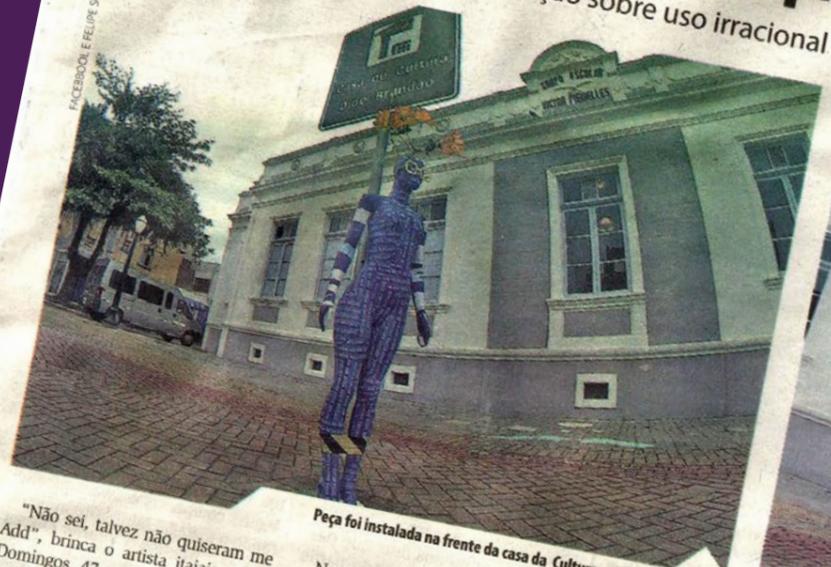
chê reivindicar as matrizes clássicas gregas para aludir a um conceito do teatro, mas a violência da festa dionisíaca, sua capacidade mobilizadora pode ser considerada uma valiosa proposta frente ao estado de passividade sugerido pelo contemporâneo mundo da mídia.

O performer que cruza todo o tempo as fronteiras entre a representação, e a apresentação, que se expõe buscando a exposição do público, nos oferece o material fundamental para um acontecimento teatral preenchido de vida. A experiência compartilhada que nos interessa é um elemento fundamental de uma cena que busque ir além do mero entretenimento, e isso começa no momento que negamos o formato tradicional do teatro de rua. A perspectiva da invasão supõe que a atriz não esteja protegida por uma redoma (a lona, a fita que demarca, uma cenografia, ou uma linha imaginária que forme a roda), mas, que esta se misture com a experiência da rua, como um elemento a mais de estranheza do cotidiano criando tensões que possam levar o público a um jogo extremo em relação às suas percepções da lógica dos acontecimentos da rua.



Sumiram com obra de arte que estava no calçadão da Hercílio

Manequim que fazia uma provocação sobre uso irracional das redes sociais foi levado da frente da casa da Cultura



Peça foi instalada na frente da casa da Cultura na terça-feira e...



Ontem o artista Vê Domingos (foto acima) só encontrou uma zica no local

"Não sei, talvez não quiseram me Add", brinca o artista itajaíense Vê Domingos, 47 anos, ao se referir ao sumiço misterioso de sua obra de arte intitulada ME ADD (que significa 'me adiciona', na língua dos internetautas). A peça, um manequim com expressões recorrentes nas redes sociais, foi exposta no calçadão da Hercílio Luz, no centro peixeiro, às 13h30 de terça-feira. Às 17h, já tinha sido levada de lá. Mesmo ficando sem sua obra, o artista levou o possível furto na esportiva e disse ontem ao DIARINHO que não pretende procurar a polícia.

No começo da tarde de terça, Vê Domingos grudou a obra no poste da placa que indica a casa da Cultura Dide Brandão, bem no começo do calçadão. O artista chegou a tirar fotos de pessoas que, curiosas, paravam para ver a peça. Saiu dali às 17h e, meia hora depois, um suposto gaturão passou pelo local e levou o trabalho. "A informação que tive é que um cara com camiseta branca passou por volta das 17h30, pegou a peça e levou", disse Vê Domingos.

Sumir com obra de arte rende grana preta para a bandidagem

Se você leu a matéria aí do lado e já soltou algo do tipo "Humpf! Sumir com obra de arte, só mesmo em Itajaí!", então torça para ninguém ter escutado essa opinião um tanto preconceituosa. Roubar ou furtar peças artísticas é bem mais comum do que se imagina. Esta é uma atividade que pode render aos bandidos milhões e milhões de dólares. Ainda mais: acontece em todos os lugares do mundo, principalmente nas grandes cidades. Veja aí alguns dos roubos históricos do mundo da arte:



A guria com cara de sonsa aí de cima é a tal da Monalisa, que também já foi furtada

Agosto de 1911

A famosona Mona Lisa, aquela guria com cara de sonsa e sorriso sem graça pintada por Leonardo da Vinci nos primeiros anos de 1500, foi levada do Museu do Louvre, em Paris. O ladrão foi um trabalhador do museu, que enfiou a tela debaixo do casaco e saiu na caruda. O quadro foi recuperado dois anos depois, quando o autor do furto foi preso ao tentar vendê-lo pr'uma galeria na Itália.

Setembro de 1972

Nem o Canadá, que todo mundo vive falando que é primeiro mundo e *causa & lousa*, escapou da ação da bandidagem. Armados, ladrões invadiram o museu de Belas Artes de Montreal e tomaram um quadro de Rembrandt e outras peças, estimadas em mais de um milhão de dólares. Até hoje, as obras tão sumidas.

Dezembro de 2007

O Retrato de Suzanne Bloch, de Picasso, avaliado em 50 milhões de verdinhas, e cobiçado O Lavrador de Café, do brazuca Cândido Portinari, calculado em 5,5 milhões, foram furtados do museu de Arte de São Paulo. Felizmente, a polícia descobriu os ladrões e recuperou os quadros um mês depois.

Fevereiro de 2008

Até na Alemanha os ladrões agiram. Um grupo armado invadiu um museu particular em Zurique e *lavou a égua*: levou obras de Van Gogh, Monet, Paul Cézanne e outros famosos da arte, avaliadas em 163 milhões de dólares. Só as obras de Monet e Van Gogh...

Casal achou estranho

O casal Michael, 25, e Rute Pereira, 19, que *trampam* no calçadão vendendo pipoca, viram a obra no início da tarde de terça. "Pensamos que era uma mulher, mas quando chegamos perto, vimos que era um manequim. Foi estranho", comentou Rute. Até eles estão c'a pulga atrás da orelha com o sumiço. "Não vimos quem levou, e pergunto: quem é que ia querer levar um manequim embora?", provoca Michael.

ME ADD?

Por Vê Domingos, artista plástico, compositor e músico.

A proposta da obra ME ADD, que ficou exposta na frente da Casa da Cultura Dide Brandão, em Itajaí, nada mais era do que adicionar à cena cotidiana da cidade um spam físico, causar um estranhamento e provocar uma reflexão sobre as diferentes maneiras de se relacionar com os meios sociais.

O que me despertou para o tema foi perceber como nós somos diferentes no meio real e virtual. Adicionamos com facilidade e tratamos com cordialidade e desenvoltura pessoas que passariam completamente despercebidas fora do mundo virtual. Não era tanto um alerta à criminalidade na rede, aos golpes virtuais cada dia mais comuns ou mesmo ao fato de ligarmos nossas informações a pessoas completamente desconhecidas de nós, mas sim essa questão interna de atingir o desejo de ser, sendo ligado às tecnologias de rede, como a necessidade de postar cada evento da vida, sendo interessante ou não, vivendo um pseu-de-atenção de forma desastrosa.

Na obra ME ADD predominava o plástico, a manequim, adesivos, fitas e flores de plástico, com a única exceção para arames farpados pintados de branco que saíam de sua cabeça. Durante o tempo que ficou exposto, algumas pessoas ficaram sem saber do que se tratava. Confesso que saí da minha zona de conforto em se tratando de obras, acostumado a pincéis e tintas, para participar de algo assim.

Realmente era algo novo que precisa experienciar no meu mover artístico. Olhar a arte por esse ponto de vista amplia bastante as minhas possibilidades de estéticas e pretendo criar mais nesse sentido. O inusitado, ME ADD foi subtraída, desapareceu, não sei ao certo se roubada ou retirada de forma equivocada e indevida.

O fato é que ao contrário de sua sugestão de ser adicionada, ela foi deletada da cena. Penso que assim ela tenha atingido de forma plena a reflexão que sugeria. Menos rede e mais presença.

TEIAS

Por Cláudia Regina Telles,
artista plástica.

Numa manhã de outono do ano de 2010, fui ao quintal e fui surpreendida por uma teia, não era nada extraordinária em tamanho ou forma, era a simples teia, mas dado meu estado interior provocou-me estranhezas e uma atenção mais aguçada as insignificâncias ao redor pra delas sorver poesia.

Estado de ânima que não me largou o dia todo, fui a rua pras coisas do dia como a aranha que não escolhe o lugar perfeito pra sua teia, o que seria impossível, tanto pra elas como pra nós, tecemos e nos adaptamos ao que a vida nos oferece, caminhei pelas ruas entre pagar uma conta, comprar um aviamento e olhar o céu sobre as marquizes, fui capturando na teia olhar, na teia ouvido, na teia percepção sensível o que a poesia da vida cotidiana. De volta à casa teci este poema com os "sensamentos"* que a rua me trouxe.

Teias

Fios que se cruzam
tecem trama sem nós
um desenho
uma teia
um lugar de captura
mas o que captura uma teia?
Sussurros do vento
O que cala o transeunte
Captura raios de sol
Um olhar perdido e outro desconfiado
Os sons da rua
A cantilena das conversas
O apito do navio
O sino da igreja
O choro de criança birrenta
Os passos apressados
A teia sensível captura
O sorriso cúmplice dos amantes
As intenções da alma
Os enganos do coração
Uma intuição desperdiçada
Um pensamento que perdeu o rumo
Uma oração pela metade
A rememoração de um sonho
A lista de compras

Um poema que nunca será acabado
Outro que nem foi percebido
Uma teia captura o que ninguém viu
O que o corpo ocultou
Que óculos escondeu
Que a maquiagem mascarou
Uma tatuagem em lugar secreto
O voo do pássaro
Um cheiro de flor
O que ninguém leu no olhar
A emoção de um encontro

A lágrima que caiu face abaixo
A solidão da noite passada
Uma teia captura
A saudade que lateja
A enxaqueca
Um cheiro de flor
A culpa materna
O arrependimento do filho
As dúvidas do que busca
O cansaço do trabalhador
Os sonhos da adolescência
Pode uma teia sensível capturar o que nos é invisível





A aranha penas a tece onde sentir as possibilidades, assim ela modifica seu ambiente de forma adaptativa, como artista assim o fiz, fui tecendo onde o instinto do olhar sentiu.

O Projeto de Intervenção Urbana Teias, integrou a Exposição Arte Cidade do Projeto Pretexto do SESC aberta a visitação de 19 de fevereiro a 22 de março de 2013 na Casa da Cultura Dide Brandão.

As Teias que eram apenas uma idéia e muitos fios de conceitos ganham a materialidade, embora a sua natureza essencial seja a afemeridade, as suas curtas presenças pela cidade puderam capturar sentidos e percepções da poesia que a habita.

As pessoas que pararam para acompanhar a instalação da Teia, interagem curiosas e fazem graça com o que irá ela capturar, sem dar-se conta que elas mesmas tiveram capturados seu olhar, sua atenção, sua curiosidade e sua necessidade de elaborar esta relação através da conversa ou de questionamentos racionais. Ignoram que a razão poucas vezes da conta da arte, que nos pede que apenas nos coloquemos em relação ao espelho que ela nos apresenta.

Uma das razões da teia das aranhas é ser modo de captura, assim como elas tenho a intenção de capturar o olhar do transeunte em suas rotas cotidianas, tirá-lo da comodidade de hábitos de pensar e propor-lhe a estranheza da trama e cor naquele seu espaço, como estranhamos quando elas aparecem de um dia pro outro na casa ou no quintal.

A aranha tece ao redor uma teia mais ou menos complexa de fios que se unem e integram ao meio. As teias pra mim significam estas possibilidades de simbolização, de ligação e conexão, com conteúdos inconscientes, memórias, pensamentos que deixamos à margem durante a jornada.

Como aranha que através da teia envia ou recebe informações e por meio os membros do seu grupo são beneficiados pela funcionalidade do tecido.

O posicionamento da teia da aranha determina sua eficiência e tem peso significativo na seleção de vítimas. Seguindo a linha conceitual da Intervenção Urbana em que os artistas desejam com seus trabalhos afetar o público, humanizar e estabelecer uma ligação mais sensível e afetiva com os espaços públicos de uso cotidiano.

As teias coloridas feitas de lã, material frágil, nos remetem ao aconchego de sua maciez, propõe uma possibilidade de mudança do instante, um riso bobo, um “pare”, um sentir através do ver e que não nos exige nada, nem pensamento e nem fala, apenas nos permite ser em relação ao visto.

O que me atrai nesta relação da arte na rua, é criar pistas, trilhas pra uma cartografia insólita que torne mais suportável o peso do presente e lhe traga alguma luz.

As Teias instaladas ao ar livre, no meio do caminho, oferecem ou recordam o elemento estético presente na cidade, que com a rotina se perdem e a suas presenças promovem o corpo-a-corpo com a arte, com a paisagem onde estão fixadas e com as quais se relacionam e resignificam. As Teias que instalo nas ruas tem natureza delicada, frágil e fugaz, pois sua existência enquanto objeto artístico, desde o registro fotográfico até ao humor “enfesado” dos passantes.

No Projeto Teia há também um elemento performático do tecer onde o público estranha a presença deste gesto, reflete sobre, julga e às vezes interage com perguntas ou observações a cerca do que vê e presencia acontecer, o que o inclui ao trabalho.

Este aspecto performático permite a ampliação dos significados do trabalho do artista e de alguma forma modifica os significados ou as expectativas de senso comum quanto ao visto.

A arte é sempre um convite...

Todo o movimento ao redor é afetado de um modo ou de outro, como este sr que mesmo de muletas desce do apartamento para ver de perto o que havia sido feito; o encontrei ao redor da Teia e ele fez questão de me contar a sua história e como se sentiu impelido a sair a rua pelo movimento que geramos naquela manhã ensolarada de sábado.

As teias remetem a conceitos das poéticas de trabalhos anteriores, onde brinquei com conceitos do desenho e lugares diferentes pra arte em relação ao público, além do elemento de fácil reversão as teias tem um caráter efêmero, já que os finos fios das tramas estarem submetidos.

A TEMPESTADE

Leandro Maman, performer, designer, diretor teatral integrante do Eranos Círculo de Arte.

“A tempestade”, performance apresentada no “I Provocações Urbanas”, é um desdobramento da primeira cena do espetáculo “Ronin Luz e Sombra” expandida no tempo: uma mesa de escritório e máquina de escrever instalada em meio ao calçadão Hercílio Luz (em Itajaí/SC), enquanto eu, de terno e gravata “trabalhava” buscando sincronia com os sons repetitivos gerados por uma caixa de som: batidas numa máquina de escrever, som de carimbos, e a chegada de uma tempestade incapaz de parar o ritmo de trabalho. A performance aconteceu em repetição durante 2h à partir das 10h da manhã de um sábado ensolarado, e se apoiava principalmente no princípio do deslocamento: algo colocado na rua que não costuma estar ali, alguém mantendo-se em ação repetitivamente. Sem explicar. Uma ação em tempo não teatral. Nem cotidiana. O som da caixa de som em sincronia com o performer foi o responsável pela amplificação expressiva da pequena cena instaurada.

Um homem preso num ciclo, preso mesmo em céu aberto. Conduzido por um ritmo externo à ele, que não se altera, inorgânico. Chove, faz sol, um monstro ressoa, mas nada se opõe às intermináveis e repetitivas tarefas. A organicidade é combatida, o próprio atender de telefone torna-se um movimento preciso e mecânico. O público olha, acompanha o que pode, o que o tempo permite, o que o entendimento permite, o que o entretenimento permite. Faz teorias: “é um protesto, é uma greve, é por causa da enchente, é um doido... vai sair na TV?”. É atravessado por uma marcha por Jesus, mas nem isso consegue abalar o homem de terno em suas repetições.

A rua é parte da ação, me interessa refletir à partir dessa experiência, e de outras que aconteceram no evento ‘I Provocações Urbanas’, sobre a arte pensada para acontecer especificamente na rua. Uma arte que utiliza o contexto da rua para se apoiar, e que se aplicada em outro lugar, perde o sentido. Apresentar “A Tempestade” em um palco não teria o menor sentido, a força da imagem estava em seu deslocamento, em aquela ação acontecer exatamente naquele lugar. A imagem completava-se com a rua, e a pessoas em seu movimento cotidiano, e isso dava potência à ação, e modificava temporariamente o espaço ao redor com uma neblina de questionamentos e suposições.

O que quero entender é de que maneira podemos nos apoiar na rua para construir arte, de que maneira canalizamos este potencial e tornamos o performer uma entidade una com o espaço, tornando a rua uma extensão de seu próprio corpo. De que maneira todos os elementos hostis e imprevisíveis da rua tornam-se a própria força da experiência, e não uma dificuldade à ser enfrentada. Como exemplo, a “marcha pra Jesus” que atravessou a ação, em momento algum foi sentida como um problema, e



sim como mais um elemento metafórico não previsto que entrou na composição da imagem, ressaltando o caráter único do momento presente.

Creio que o desafio maior é atingir não somente os sentidos mais periféricos, ou o plano mental das perguntas/ curiosidade, e sim conseguir através do encontro com a imagem que a experiência ecoe interiormente, nas camadas mais profundas, às vezes sequer percebidas. Que ela ecoe, e se expanda no tempo e no espaço. Ao meu ver são essas profusões de ecos que contêm a capacidade de sublimar a rua de sua função utilitária, e de impregnar o espaço da cidade com alma, e dessa maneira por analogia de depertar as pessoas de suas funções/ vida utilitárias (o que inclusive é o principal tema trazido pela “A Tempestade”).

Um dos pontos críticos deste desafio é de ser imensurável. Não poder ser qualificado pela quantidade de risos ou lágrimas, nem pela crítica recebida no jornal, porque a leitura da obra é sempre uma experiência individual. Como comparar a experiência de centenas de risos, com a transformação de uma única pessoa? A alquimia da alma pode ser classificada? Ou fazendo isso não estamos novamente transformando o orgânico em números, reduzindo a imagem em signos racionais, em um conjunto de regras, normas estabelecidas.

Mas o artista precisa de referências para não se perder no oceano das criações, e uma delas talvez possa ser a potência da imagem em seu interior. Aprender a olhar para dentro é uma arte delicada, e que só rende frutos através da obstinação cruel e sagrada em busca de si mesmo, de modo que isso possa se manifestar na obra. À partir disso, manter a intuição aflorada e a escuta atenta, pronta para encontrar seus pares entre a plateia, de maneira que possa acontecer o encontro, para que a rua deixe de ser um lugar de passagem, de vitrine (de exibição), de deslocamento para fins de consumo e passe cada vez mais a ser um local de encontro. De encontro com a alma.



O JARDIM DE ABEL

Por Sandra Coelho, psicóloga, performer, integrante do Eranos Círculo de Arte

9 metros de seda vermelha em formato de vestido feminino compõe o palco da performance de rua Jardim de Abel. Um cesto com 33 maçãs vermelhas, 01 verde ao fundo e uma faca afiada estão postos como elementos que dialogam no 'palco'. Na lateral – dissonante aos símbolos naturais e ao silêncio da performer – uma placa com um número de celular e um aviso: 'ligue-me e te conto um segredo'. Durante todo o tempo a performer permanece sentada descascando as maçãs vermelhas no tempo contrário ao ritmo da rua, e a cada ligação, interrompe seu fluxo, pega seu celular e permite-se ao diálogo com o interlocutor anônimo, que ao final é convidado a buscar uma maçã descascada. Na ausência de ligações, a performer permanece descascando maçãs e buscando visualmente conexão com os transeuntes e oferecendo-lhes o fruto, sendo necessário que algum tipo de contato extracotidiano aconteça para que a maçã seja oferecida. É necessário que todas

as pessoas que aceitarem a maçã entrem no palco-vestido e aproximem-se da performer. Esta intenção não é explícita, é conduzida por gestos sutis da performer. Outras ações podem acontecer – como entregar uma maçã sem descascar a alguém que passa e ignora a performer. Após as 33 maçãs serem descascadas e entregues, a performer faz um deslocamento final com seu vestido-palco e deixa no local (sem descascar) a maçã verde.

A performance expressa imagens que dialogam com símbolos antigos, com espaços individuais e coletivos de troca, e relações como possibilidades de construção da identidade.

Diversas foram as interpretações das pessoas sobre a performance: desde que fazia parte de uma peça de teatro, propaganda de alguma loja, venda de maçãs e um jogo onde algo seria descoberto. Muitas pessoas se aproximavam e questionavam a

razão da performance, ou para a performer ou para as pessoas que ali estavam paradas.

Interessante perceber a necessidade humana de enquadramentos – as pessoas, na ausência de respostas projetavam seus conteúdos com aproximações do que julgavam ser o mais lógico. Difícilmente alguém passa e não é tocado pela imagem de uma mulher num vestido vermelho de 9 metros de comprimento no meio da rua descascando maçãs. Para as pessoas que eram oferecidas maçãs e iam buscá-las havia um outro consenso entre o público: o de não pisar no vestido. Essa distância era intencional e pretendia instigar as relações de espaço, até onde eu vou nas minhas relações com o desconhecido. Apenas as crianças pisavam no vestido espontaneamente, os adultos todos tiveram de ser guiados pelo gesto da performer para que pudessem pisar – entrar no vestido e então pegar a maçã descascada.



Nos diálogos mais próximos iniciados pelo celular, as pessoas relacionaram muito a maçã com pecado, com Eva, Jardim do Éden e contos de fadas. Nenhuma pessoa abordou a maçã em seu símbolo de alimento dual entre sabedoria e veneno (símbolo do mito).

Outro aspecto notado durante a performer foram as atitudes de contemplação diante da imagem, após cessarem os questionamentos. Creio que quando uma imagem ultrapassa a capacidade humana da lógica cartesiana ela toca outras instâncias individuais como, o que na psicologia junguiana chamamos de Self.

Me interessa muito proporcionar e construir junto ao público ações que possam de alguma forma ultrapassar, pelo menos um pouco o julgamento analítico e formal. Me parece mais rico quando o espaço da criação coletiva e dos conteúdos individuais profundos

são movimentados, seja pela inquietação, inconformismo ou negação da imagem que é vista. Ao meu ver a obra quando conceituada dessa forma ultrapassa as fronteiras do entretenimento e adquire um formato democrático que só se completa na relação.

O movimento urbano formado pelas dinâmicas individuais de um fluxo acelerado de vida, não permite que as pessoas se demorem em coisas que não tem um objetivo e uma relação com resultados de ordem prática. A vida nas cidades cada vez mais abafa os aspectos contemplativos da alma. Levar imagens simples e ao mesmo tempo tão fortes para a rua é uma proposta homeopática de redenção e retorno.

Todas as maçãs foram entregues e mordidas.



www.eranos.com.br

realização



CÍRCULO DE ARTE

patrocínio



MUNICÍPIO DE
ITAJAÍ



Fundação Cultural de Itajaí

apoio



Projeto contemplado pelo Edital de Eventos Comunitários de Itajaí

